

Camarada Pedro

Apesar dos tempos difíceis, João acolheu com carinho o companheiro Pedro. A comida era pouca, a pressão por parte dos militares, muita, mas ao ver Pedro, a encarnação da luta, a voz do povo nesses tempos de guerra, ali, parado em frente a sua porta pedindo guarida, nem cogitou a idéia de negar-lhe. João tinha uma dívida com ele, era hora de pagar.

Pedro não era mais aquele menino lutando contra a pobreza para sobreviver no abandono das ruas, roubando, brigando contra o grupo de Ezequiel, apanhando da polícia. O riso era fraco, não a gargalhada que estava marcada no profundo da memória de João. Não. Agora já era um homem feito, um perigoso inimigo da ordem pública, a esperança dos pobres. Era o camarada Pedro, mas ainda trazia o brilho e a garra com a qual liderava os meninos perdidos, donos das areias brancas da Bahia. Ainda era seu amigo de infância, e tudo que vinha fazendo pela liberdade do povo apenas aumentava o orgulho e a honra de tê-lo ali.

Mas agora João tinha de pensar em sua família e temia por eles. Os militares estavam revistando casa por casa por toda a Bahia e não demoraria a chegar a sua.

— Tou de partida, Grande. Não é certo colocar cês em perigo, disse Pedro a João enquanto olhavam as crianças dormindo.

João pensou em questionar, pedir que largasse de bobeira e ficasse. Desistiu.

— Pra onde tu vai?

— Não sei. - Pedro puxou um trago de seu cigarro. - Mas Dora vai me guiar, sabe? Disse fitando na noite baiana de paz uma estrela incandescente.

João Grande seguiu seu olhar. Sabia.

Os dois amigos se abraçaram naquela estranha noite de paz no ano de terror.
Pedro põe sua trouxa no ombro e toma o rumo do cais.

Nunca mais João Grande veria Pedro Bala, ou qualquer outro dos
Capitães da Areia.

**1º lugar - "Camarada Pedro", de Josué Silveira Souza - E.E.E.F.M.
Washington Pinheiros Meirelles**